

## “Por um fio”: a dependência cultural no Brasil pelo viés de José Miguel Wisnik

Doutoranda Jamille Assis<sup>1</sup> (IFBA)

### Resumo:

*O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre as leituras de nação dentro da realidade pós-colonial brasileira. As implicações da dependência / independência cultural produziram reflexões das mais variadas sobre a cultura do Brasil. Indo de posições por vezes extremistas, que oscilam do otimismo ao pessimismo, esboçadas por Caio Prado Junior, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Hollanda e Roberto Schwarz às mais conciliadoras produzidas por Silviano Santiago e por José Miguel Wisnik, a nação é o objeto privilegiado de discursos que tentam entender mais do que a nossa posição no mundo, mas o nosso próprio modo de ser.*

**Palavras-chave:** José Miguel Wisnik, dependência cultural, Brasil.

### 1 Introdução

Observa-se que as interpretações mais recentes, como as desenvolvidas por Wisnik reforçam a dupla valência como uma particularidade brasileira. Não é à toa que, para uma mesma questão, a dependência cultural, tenha surgido uma posição mais pessimista, promovida por Schwarz, e outra mais positiva, desenvolvida por Santiago. Como a querer participar de uma geografia que colocou as **ideias fora do lugar** e depois as acomodou no **entre-lugar**, o crítico uspianista<sup>1</sup> sugeriu um **lugar fora das ideias**, colocando a ênfase prioritária no que se tem feito em território brasileiro e ao mesmo tempo destacando a singularidade da nação perante o contexto internacional.

As desigualdades constitutivas ensinaram o Brasil a conviver com suas próprias diferenças e essa habilidade de saber lidar com a diversidade cultural para Wisnik se tornou importante e **literalmente explosiva** na ordem mundial. O modernismo brasileiro para Candido operou o **desrecalque localista** através da participação das vanguardas na descolonização nacional. No entanto, Schwarz já considera que esse momento só produz uma conciliação não-dialética, incapaz de operar efetivamente uma crítica à desigualdade social do País. Silviano Santiago, por outro lado, prefere estudar as relações entre os intelectuais modernistas e o poder, constatando que essa relação os levou à contradição de seguirem no seu projeto nacionalista (com elementos de fora também) ou servirem aos projetos de modernização conservadora do governo.

---

<sup>1</sup> Termo criado pelo próprio José Miguel Wisnik. Esse termo é a união das palavras uspiano e pianista.

São perspectivas diferentes para a leitura de um mesmo objeto: o Brasil. O Brasil é lido, portanto, pela ótica do veneno e do remédio (WISNIK, 2008) devido à contradição de ser um País que convive com diversos problemas, mas que, a todo o momento, encontra saídas para se firmar como exemplo criativo para o mundo.

## **2 Leituras de nação: anos 1930**

Se a concretização do tão sonhado desenvolvimento nas áreas de educação, saúde, política e economia ainda está por vir, o que se tem de efetivo são os inúmeros olhares acerca da condição brasileira. Esse assunto também esteve na agenda dos uspianos, mas a prática de se discutir sobre as qualidades e os problemas do Brasil há muito tempo vem sendo realizada. Só na década de 1930 encontram-se três reflexões fundadoras, que são destacadas por Wisnik:

pode-se dizer que as características da “formação do Brasil contemporâneo” em Caio Prado Júnior aparecem ao maior analista do nosso atraso como um **veneno** contaminante; que o mesmo processo visto por Gilberto Freyre em **Casa-grande e senzala**, ganha as propriedades de um **remédio** – a ideia da civilização mestiça e original nos trópicos; e que em **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, essa formação destila um implícito e ambivalente **veneno remédio** – o “homem cordial” afetivo e arbitrário, afável e truculento, personalista e inconsequente. (WISNIK, 2008, p.409)

O autor de **Formação do Brasil contemporâneo**, de acordo com Wisnik (2008), vislumbra o cenário caótico resultante da escravidão e da marginalidade dos homens livres. Segundo Wisnik há

[...] na visão de Caio Prado Júnior não só uma perspectiva individual, mas também a fundação de um paradigma de abordagem do Brasil, com a sua linhagem crítica correspondente, na qual tem um lugar central a sociologia paulista e uspiana. Nesta, a ênfase recairá na identificação do atraso e do deslocamento brasileiro na ordem mundial, sem privilégio para originalidades culturais populares, consideradas pouco relevantes no quadro econômico e político. O diagnóstico produzirá uma teoria da dependência e uma análise da condição periférica. (WISNIK, 2008, p.410)

Wisnik, então, identifica na crítica de Prado Júnior uma espécie de paradigma do debate uspiano, aquele que é defensor da ideia de um Brasil situado numa posição de inferioridade e atraso. Apesar de Caio Prado Júnior associar, por exemplo, o índio ao tradicional estereótipo de preguiçoso, o autor de **O som e o sentido** observa, nas referências às ações simbólicas do povo colonizado, mesmo que indiretamente, o destaque às vozes que o próprio autor de **A revolução brasileira** silencia.

Já Gilberto Freyre exalta o que é recalçado, desvelando as práticas violentas e desumanas a

que foi submetida à população escrava no sistema colonial, mas, apesar desse aspecto desagregador da constituição social brasileira, sinalizado pelo autor de **Sobrados e mucambos**,

em Gilberto Freyre, ainda assim prevalece, como turbulenta utopia retrospectiva da integração brasileira, azeitada pelo “óleo lubrificante da profunda miscigenação”, o “ideal de uma família extensa, híbrida e – um pouco como no Velho Testamento – poligâmica, na qual senhores e escravas, cercados de herdeiros legítimos e ilegítimos, convivem sob a luz ambígua da intimidade e da violência, da disponibilidade e da confraternização” (WISNIK, 2008, p.413).

O encontro das etnias realizado aqui no Brasil acabou acirrando o desnível social provocado pela forma com que foram gerenciados os primeiros séculos de colonização. No miscigenado, convergiam as potências de cada grupo aqui instalado, numa tentativa de superar as desigualdades através da própria sociabilidade. Infelizmente, esse desejo não passou de um engodo, pois a confraternização fraternal, na maioria das vezes, foi transformada em festa da exclusão e da marginalidade, com todos os significados que essas palavras possam ter. Apesar disso, ao tocar nesse assunto, Freyre produz “[...] o impacto da instauração de um paradigma apoiado na autorização **para saltar ao polo oposto** e ver os estigmas da colonização brasileira **pelo seu próprio avesso**” (WISNIK, 2008, p.416), a partir da figura do mestiço.

Esses dois paradigmas acima descritos se repelem em suas defesas; entretanto chamam a atenção para os mesmos temas: a relação entre privado e público, a vida particular imbricada com a das instituições, a política como local de interesses personalistas. Esses são, justamente, os mesmos motes impulsionadores para que Sérgio Buarque de Holanda abra as cortinas e rasure a linha tênue entre quem está atrás dos bastidores e no palco das contradições brasileiras. O que acaba sendo destacado é novamente o “[...] dilema nacional, representado por **Raízes do Brasil**, [que] privilegiava a contradição entre a originalidade brasileira e a sua problemática inserção na modernização” (WISNIK, 2008, p.418), emblematizada na figura do homem cordial.

A visualização das afirmativas desses estudiosos da década de 1930, lado a lado, proporciona a identificação de um panorama das ideias divergentes em relação a um País que tentava se firmar como independente e modernizado. Destinar para o Brasil a sina de ser adaptado ou atrasado, ou os dois predicados juntos, são os modos de explicar, àquela altura, como as consequências de séculos de exploração puderam criar sistemas de ilegalidade, quicá, tão ou mais cruéis quanto os operados pelos europeus. Por outro lado, ao afirmar que o próprio Brasil se diz através dos intérpretes, Wisnik constrói um possível paradoxo: os discursos reúnem, ao mesmo tempo, a falta de aptidão para avaliar a complexidade brasileira – recaindo no rebaixamento do País – e a capacidade de encontrar nos absurdos dos fatos históricos as saídas para melhor entender e interferir nas situações que ainda virão. O **uspianista**, então, não se contenta com essas antíteses e

exalta o Brasil em suas particularidades. Essa ação, possivelmente, não representa só uma posição otimista, mas também a valorização do seu próprio lugar de enunciação, pois se o País perder seu mérito de espaço singular, conseqüentemente, o seu discurso também será desvalorizado. Ao elevar, portanto, o ethos brasileiro, Wisnik exalta também sua própria prática, que seria o resultado das interferências dessas faltas e exageros brasileiros.

### **3 Leituras de nação: anos 1990 - 2000**

Essa temática não se esgotou na década de 1930 e se estendeu até nossos dias, assumindo características de irresolvido. O assunto, decorrente desse debate, que cintila como mais frequente é o requerimento de um espaço respeitável para o Brasil na cultura mundial. Outros discursos sobre a nação são levantados pelo seu colega de universidade Roberto Schwarz e pelo crítico que foi filiado à PUC-Rio, Silviano Santiago. A postura de Wisnik, no entanto, não chega a ser tão diversa em relação à de Santiago, na medida em que o crítico paulista incorpora a visão histórica acerca da desigualdade, mas também traz a perspectiva antropológica, que valoriza a cultura produzida no País, apesar das injustiças sociais. Como ponto comum entre os dois críticos, quando o assunto é interpretar o Brasil, pode-se mencionar também a defesa da antropofagia, capaz de romper com a visão do mal estar da dependência. As diferenças, talvez, possam ser apontadas, na ênfase dada por Wisnik, em alguns momentos, à textualidade, ao contrário do que acontece com Santiago, que vai, de forma mais livre, trabalhar com elementos extratextuais, como os relatos autobiográficos, promovendo uma leitura política do espaço ocupado pelos intelectuais no campo cultural.

Já Roberto Schwarz, estudioso da obra crítica de Candido, acaba seguindo, até certo ponto, as ideias defendidas pelo seu orientador. A busca pela caracterização da cultura brasileira a partir das noções de atraso e de débito é recorrente em seus textos. O crítico usa a abordagem sociológica para acentuar o reflexo da história de subdesenvolvimento do País nas produções culturais. O autor de **Ao vencedor as batatas** questiona, assim, as contradições produzidas pela modernização nos países periféricos. Schwarz (2000) defende também que a transposição de ideias estrangeiras para o contexto brasileiro foi feita de forma inadequada, pois as configurações sociais encontradas aqui divergem das postuladas na Europa, o que pode ser verificado em seu estudo das representações culturais e políticas do século XIX. Nesse trabalho discute-se a importação dos pressupostos do liberalismo para os países subdesenvolvidos e as conseqüências dessa aclimação num sistema escravocrata. Enquanto no Brasil a anti-moderna cultura do favor promove a dependência cultural e o desvio da lei, a modernização na Europa, supostamente, estimulava a autonomia individual, a ética no trabalho e a universalização da lei. A partir disso, o crítico verifica como o formato dos romances heroicos europeus não é adequado ao contexto brasileiro por não abarcar questões locais

como o paternalismo, os entraves coloniais e a mentalidade burguesa (SCHWARZ, 2000). A conclusão a que o crítico chega é que as ideias estão **fora de lugar**, reduzindo o País a mero reprodutor das teorias externas ao seu contexto, deixando entrever que não há produção da intelectualidade brasileira consistente e coerente com as particularidades locais.

Diferentemente da percepção de um **torcicolo cultural**, empreendida por Schwarz, Silviano Santiago dá um giro de 360° para melhor visualizar a diversidade de enfoques que encontraram no Brasil um local de complexa interação. Enquanto o crítico uspiano conjuga em seus estudos a literatura e a história focada no século XIX, Santiago prefere aliar o texto literário aos acontecimentos recentes, bem como à história memorialística (biografias, correspondências, autobiografias etc.<sup>2</sup>). Esses momentos já receberam grande importância na época em que se buscava, num impulso detetivesco, achar correspondências entre a vida e a obra do autor. Logo depois, o texto com a sua estrutura e, somente ele, tornou-se destaque. Contemporaneamente, as histórias de vida retornam, mas permeadas pela noção de ficção e de fragmento.

Escrito originalmente em 1971, esse texto (“O entre-lugar do discurso latino-americano”) foi feito num contexto de extrema especialização da crítica, dentro das universidades, em movimento contrário à crítica de rodapé. Contudo, esse exagero científico, recaindo quase num hermetismo textual, que busca, prioritariamente, identificar a repetição acrítica de postulados já existentes, fez Santiago afirmar que:

o campo teórico contradiz os princípios de certa crítica universitária que só se interessa pela parte invisível do texto, pelas dívidas contraídas pelo escritor, ao mesmo tempo que ele rejeita o discurso de uma crítica pseudo-marxista que prega uma prática primária do texto, observando que sua eficácia seria consequência de uma leitura fácil (SANTIAGO, 2000, p. 19 ).

**O ritual antropófago da literatura latino-americana** impede, portanto, que só se veja o que se repete, já que não é só disso que o texto segundo se constitui. A **traição da memória** marioandradina e a antropofagia de Oswald de Andrade refletem como o subdesenvolvimento e o atraso da nação podem se transformar em resposta positiva e eufórica, mas não sem conflitos. A criação, pois “[...] define-se pelo esquecimento de modelos herdados da tradição, pelo jogo astucioso da memória e pela atitude anarquista frente ao arquivo cultural” (SOUZA, 2002, p.56). E isso era o que, possivelmente, Schwarz não deu ênfase em seus estudos. Seus esforços só recaiam na observação da cópia mal feita e das desigualdades sociais que não eram representadas. O estudo literário produzido por esse crítico quer aliar a sociologia a aspectos formais do texto, no entanto,

---

<sup>2</sup> Dessa reflexão de Silviano Santiago, surgiram livros como **Em liberdade** (misto entre ficção e fatos da vida de Graciliano Ramos) e **O falso mentiroso** (emprego da ficcionalização da própria vida), entre outros ensaios. Esse trabalho com a memória, valorizado pela crítica contemporânea, também observa a posição metodológica tomada diante

essa interação entre teorias visa mostrar perspectivas de interpretação plausíveis e não a redução do texto ao esquecimento das potencialidades do jogo e da prisão. Quer mostrar como em detrimento dos valores das culturas dominadas se operou a super valorização da cultura europeia. O intelectual, portanto, para Santiago, estaria nesse **entre-lugar**, nessa terceira margem do rio, aproveitando as correntes vindas de todos os lados possíveis, assumindo as suas ambivalências e detonando a ideia tradicional de universalidade<sup>3</sup>. O intuito também não é de ser o porta-voz da sociedade, mas um formulador de uma interpretação, dentre as várias possíveis, das condições brasileiras, operando a descentralização do poder diante da fala das minorias historicamente silenciadas, pois “o intelectual, tal qual se encontra nos melhores romances e memórias recentes, é aquele que, depois de saber o que sabe, deve saber o que o seu saber recalca” (SANTIAGO, 1998, p.35).

A leitura de José Miguel Wisnik, afinada com os novos rumos da crítica contemporânea, busca colocar uma lente de aumento no que a cultura brasileira tem de especial e significativo. E mais: o intuito não é só que o brasileiro se reconheça, valorizando assim as suas produções, mas que também o estrangeiro identifique no País qualidades que vão além da mulata e das belezas naturais. O método escolhido para tal empreitada passa pela leitura detida de cada objeto sem esquecer-se da ambivalência constitutiva da história nacional diante das belezas e agruras de ser brasileiro.

Essa dobradinha entre as lógicas formalista e sociológica de Wisnik tomou características singulares a partir do momento que se deixou permear pela música e pela teoria que dela pode ser extraída. Essas lógicas, tradicionalmente, não estão juntas, mas encontram em suas interpretações um lugar onde não se anulam, pois aumentam a zona de contato analítico. Além disso, o que tornou a crítica de Wisnik também marcada pela diferença em relação aos pressupostos uspianos foi o de relativizar as interpretações baseadas numa teoria mimética. Mesmo considerando a crítica sociológica de Roberto Schwarz, que privilegia a mímese, de alto nível, o autor de **O coro dos contrários** não deixa de pontuar que segue outro caminho.

Então, como se fosse um uspiamista tem que, de algum modo, rebater dialeticamente uma crítica sociológica uspiana de grande densidade, levantando questões que não estão ali, que não foram consideradas completamente. Um recorte, então, a experiência da escravidão no Brasil tem não só produzido uma espécie de congruência entre ideias que não descrevem a realidade, que é uma sacada que se tornou incontornável vinda do Roberto Schwarz, mas essa realidade escravista e mestiça engendrou, por sua vez, uma outra coisa que é o “lugar fora

---

dos acervos literários para que seja lançado um novo olhar ao texto memorialístico.

<sup>3</sup> Ainda se debateu muito sobre a dependência cultural no Brasil. No texto “Apesar de dependente, universal”, Santiago (1980) ratifica a sua opinião diante da reflexão marxista de Schwarz. Numa posição antropológica, o crítico do entre-lugar buscou evidenciar o sentido diferenciado de cada cultura. Sete anos depois, Schwarz (1987) escreve “Nacional por subtração” e volta a reacender a discussão entre o seu pensamento teórico e o de Santiago. Ainda nessa polêmica, Haroldo de Campos (1983) no seu “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” usa a antropofagia como conceito operatório.

das ideias” que se expressam com música, futebol, mas Machado de Assis também captou, como se fosse outros instrumentos críticos que vão lidar com o texto, com os quais de certo modo, Roberto Schwarz não contou (LIMA, 2009).

O outro lado da moeda da escravidão e das conseqüentes mazelas sociais decorrentes desse fato histórico vai ser ressaltado por Wisnik. O mestiço é visto como o símbolo de potência, cheio de criatividade e o texto literário não se restringe a só funcionar como reflexo das contradições sociais, mas como criador de efeitos de realidade.

A percepção a que Wisnik chega em relação a sua posição diferenciada dentro da USP vem acompanhada da sua identificação com os Estudos Culturais. No entanto, a adequação do seu trabalho à ideia de entre-lugar não foi automaticamente aceita, sendo logo substituída pelo **lugar fora das ideias**. Ao que parece, surge um desconforto em associar a sua forma de interpretar a cultura brasileira com o trabalho promovido por Silviano Santiago, como se esse fato o afastasse do paradigma uspiano, que Wisnik tanto preza, e o firmasse na linhagem dos Estudos Culturais, condição essa, **Indivisível**, não tão abertamente abraçada. Há, portanto, a defesa de um pertencimento à escola uspiana, numa tomada de posição contrária a de Silviano Santiago que representaria, para a USP, um opositor, em virtude do debate acirrado ocorrido entre o crítico mineiro e Roberto Schwarz.

## **Conclusão**

Ao fazer essas ressalvas em relação a sua formação depreende-se, portanto, que não só o Brasil é lido em sua ambivalência, mas a própria postura crítica de Wisnik também se envolve por essa natureza dúbia. O que o impele a reforçar nessa dupla valência a particularidade brasileira. Não é à toa que, para uma mesma questão, a dependência cultural, tenha surgido uma posição mais pessimista, promovida por Schwarz, e outra mais positiva, desenvolvida por Santiago. Como a querer participar de uma geografia que colocou as **ideias fora do lugar** e depois as acomodou no **entre-lugar**, o crítico **uspianista** sugeriu um **lugar fora das ideias**, colocando a ênfase prioritária no que se tem feito em território brasileiro e ao mesmo tempo destacando a singularidade da nação perante o contexto internacional. É o **lugar**, ou seja, o Brasil que está em destaque na sua expressão e não as ideias, referência à produção teórica estrangeira.

Sem negar nenhuma das interpretações anteriores, Wisnik reconhece no Brasil as falhas da política com suas leis truncadas, a constituição da cidadania cheia de brechas, com a letalidade da corrupção e da impunidade, com os conflitos entre ordem e contravenção e com a exagerada concentração de renda, mas também está atrelado à valorização da versatilidade, da maleabilidade e

da capacidade brasileira de desviar dos obstáculos encontrados, singularmente, na música popular, no futebol e em obras literárias. Tudo isso permitiu o surgimento de **possibilidades inéditas**.

### **Referências Bibliográficas**

- 1] CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. Boletim bibliográfico – Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v.44, jan/dez. 1983.
- 2] LIMA, Rachel Esteves. Diálogos Críticos: José Miguel Wisnik. 28 mai. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodacritica.com.br/dialogos-criticos-jose-miguel-wisnik-28-05-2009/>>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- 3] SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil 1979-1981(Cultura versus arte) In: ANTELO, Raul (Org.). *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras contemporâneas/ ABRALIC, 1998. p.11-23.
- 4] SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 09-26.
- 5] SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- 6] SCHWARZ, Roberto. Ideias fora do lugar. In. \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, 2000.p.151-161.
- 7] SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- 8] WISNIK, José Miguel Soares. *Sem receita - Ensaios e Canções*. São Paulo: PubliFolha, 2004.
- 9] WISNIK, José Miguel Soares. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

---

i **Jamille ASSIS, Doutoranda**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)  
jamille.assis@ifba.edu.br